

# RelevO

abril/2021, n. 8, a.11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



### Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações desta edição** são de autoria de Fabio Rocha. Você pode conferir mais do trabalho dele em [www.instagram.com/fabr.r](http://www.instagram.com/fabr.r).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 120 Marcella Lopes Guimarães; Neurivan Souza; R\$ 105 Felipe Fabricio Carretoni; Maria Coelho; Thiago Pedrosa; Camidam; R\$ 100 Mariana Zambon Ferreira Braga; Katia Brembatti; Mariana Sato dos Reis; Elieder Corrêa da Silva; Josiane Bibas; André Vieira; Hádassa Bonilha Duarte; Luiz Frederico Fernandes Martins; Natacha Koehler; Mayara Muller Reis; Guilherme Pentead; Enio Vermelho Jr.; R\$ 75 Thomaz Ramalho; Renan Machado; Daniella Aparecida Fernandes; Paula Zarth Padilha; Magno Van Erven; Jacqueline Carteri; R\$ 60 Daniel Reis; Gabriel Alencar; Yvonne Dimanche; Gabriel Bicho; Luiz Renato Sassi; Léo Lima; Juliana Andrade Rangel; Camilla de Oliveira; Eduardo Pereira de Souza; Láercio Becker; Flávia Calise; Alexis Peixoto; Fabiano Faga Pacheco; Valter Zotto; Ítalo Lima; Mauro Donato; Bianca Maria Habib Silva; Vinicius Medeiros; Danilo Lopes; Victor Hugo Felix; Uarlen de Lima Martins; Fiori Ferrari; Claudia Camargo; Demétrios Galvão; Vernaide Wanderley; Daniel Batista de Siqueira; Sérgio Czajkowski Jr.; Felipe Portes; Jorge de Souza; Leila Bortolazzi; Carlos Eduardo Ramos; Diego Silveira Sousa; Artur Gomes; Caio Negreiros; Mario Marcio Felix Freitas Filho; André Dias; Rogério Prado de Macedo; Ismael Alencar; Dagmar Spring; Ana Amália Alves; Fabiano Faga Pacheco; R\$ 57 Mariana Sato dos Reis; Vinicius Fernandes Cardoso; Caroline Goba; Igor Zanoni; Lucas Martinichen; Lucas Jul; Vinicius Vianna; Bruna Gabriela; Oton Lustosa; R\$ 50 Laisa Lopes; Ana Justi; R\$ 20 Diana Joucovski; Alisson Caetano; R\$ 15 Matheus Zucato

**TOTAL: R\$ 5.378**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 250 Felipe Gomes; R\$ 150 Whisner Fraga; R\$ 120 Oribê Editorial; R\$ 100 William Soares; Flávio Sanso; Editora Penalux; R\$ 60 Rômulo Cardoso; R\$ 50 Gato Preto Livros; Banca Tatuí; Daniel Osiecki; Livraria Pará.grafo.

**TOTAL: R\$ 1.080**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883  
Escritório: R\$ 390  
Embaladora: R\$ 50  
Autores e ilustradores março: R\$ 460  
Autores e ilustradores retroativo: R\$ 180  
Editor-assistente: R\$ 300  
Serviços editoriais: R\$ 200  
Mídias sociais: R\$ 250  
Diagramação: R\$ 150  
Infografia: R\$ 60

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 300  
Correios: R\$ 2.155

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 6.508

(-) Saídas totais: R\$ 6.468

(=) Resultado operacional: - **R\$ 40**

## Abril/2021

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Osny Tavares  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de março de 2021.

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Bruno Meirinho  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Morgana Rech  
Felipe Harmata  
Jacqueline Carteri  
Osny Tavares  
Whisner Fraga

instagram.com  
facebook.com  
twitter.com  
medium.com

# /JORNALRELEVO.COM

## DOS LEITORES

### PODE PRENDER O CABELO SIM

**Anônimo** De todas as musas inspiradoras da literatura, é provavelmente à comédia que devemos os créditos quando alguma pérola do ressentimento encontra, entre brechas e frestas, um caminho para se rastejar até a luz do sol que bate nas páginas dos espirituosos jornais ainda a vagar pelas estradas desse país. Ressentimento não somente visível pelo conteúdo, mas por toda a escolha de palavras e argumentos da cruzada imaginária de Elton Mesquita em busca de uma árvore para chamar de genealógica dentre as majestosas copas da mata Atlântica (**RelevO**, edição de março de 2021, ensaio “Tu Não Prendas o Cabelo”). Lembrando as ladainhas de Samuel Wandernes n’*O Romance da Pedra do Reino*, Elton clama por uma aproximação com Portugal, denunciando o suposto afastamento do Brasil desta terra que teria tanto a contribuir para a nossa cultura, formação como país e, quiçá, até mesmo apontar para um lastro mitológico ao nosso imaginário coletivo. Muito antes de eu sequer pensar em rabiscar minhas primeiras letras, Ariano Suassuna já encontrara a graça nesse tipo de desespero por uma ancestralidade estrangeira ao contrapor as visões de Samuel ao seu rival, Clemente, que representaria o exato oposto: a negação materialista do idealismo religioso, a busca pelas raízes naturais do povo etc etc. Qual dos dois estaria certo? Pouco importa, tendo em vista o protagonista Pedro Quaderna sempre posicionado em meio a ambos e fazendo pouco caso da antítese implicada em cada oportunidade de deboche. O recado de Suassuna parece não ter chegado aos ouvidos do escritor lusófilo, que, no seu incansável ímpeto pelo contato com civilizações antigas, deixa escapar até um tom ameaçador entre suas palavras: por favor, aceitem logo o amor dos portugueses ou o Gonçalo Ramiro dentro de mim, envenenado até as têmporas, vai explodir! Como se não bastasse toda a condição colonizada nessa descrição extremamente rica em detalhes de um psicológico tomado por uma quase que “síndrome de Estocolmo” (capital da Suécia, Elton, outro país bonito pra você se inspirar), nosso escritor se sujeita a aguardar, ansioso, pelo promissor e quente abraço lusitano, na esperança de voltar a traçar os galhos da árvore que parou há duas gerações. Algumas temporadas do nosso próprio 'The Crown', talvez, numa produção audiovisual dedicada especialmente à solidão dos injustiçados

bibelôs da dinastia Orleans e Bragança. Essa angústia seria quase compreensível, se Elton talvez fosse um pouco mais crítico em seu deslumbramento metafísico e olhasse ao redor. Seria possível encontrar alento sem querer tanto, por algum motivo, se afastar a um Oceano Atlântico de distância desse povo dos trópicos e seus trejeitos, costumes, música débil e modas ridículas? É claro que não, visto que, no pedestal idealizado que o cristão e peninsular Portugal ocupa na mente de Elton, a culpa é nossa, que não estamos reciprocando a admiração que desponta por lá, seja em forma de adoção de gírias ou de pichações racistas contra imigrantes brasileiros que avançaram ao nível pragmático da empreitada. Mas Elton não nos deixa desorientados. Ele quer facilitar o estreitamento de laços. A dica que ele nos dá, e aqui vamos nós de novo rumo ao Brasil, é começar pelo futebol – um esporte que também mexe com o coração dos tugas! Um critério que poderia servir para buscar parcerias em qualquer país nas proximidades do Mediterrâneo, de fato, mas aqui é que está o pulo do gato, porque Elton não está apenas interessado em agarrar Portugal pelo colarinho e pedir um beijo, ele quer mais. No auge do estranhamento do lugar e do tempo em que está, repousa a denúncia recorrente de qualquer candidato ao posto de gênio conservador da sua época (qualquer um que inclua esses detalhes em seus escritos se considera um gênio, não nos enganemos). Não importa que lugar & tempo sejam esses nos quais esse gênio incompreendido se encontra, sua reação sempre foi e sempre será olhar para o céu, se deparar com o deslocamento inerente à condição humana e, ao invés de escolher sorrir, escolher chorar. Essa presunção não é nem um pouco codificada, ela se rasga, salta do texto, o jornal é incinerado no momento em que nossos olhos batem no sórdido desejo pela instrumentalização do legado português ao seu verdadeiro propósito: finalmente transformar o Brasil no que ele não é. O patriotismo conservador é esse eterno paradoxo, é o velho da Havan usando um terno de bandeira do Brasil enquanto decora a loja com motivos estadunidenses, se trata no hospital decorado com arabescos de Dubai e (aí não é mais culpa dele) registra tudo com telefone da Apple. Quem dera se resumisse ao garimpo de músicas engraçadinhas, colocando as gerações mais jovens pra dançar o vira no meio da festa de brasilidades, mas a mágoa de quem roda, roda e vira, virou uma esperança torpe de encontrar respostas e descobrir sua importância dentro de um baú velho,

em algum pedaço de papel cheirando a naftalina. Se é pra buscar afagos em outras longitudes, permita-me tornar o olhar. A convite de quem também busca exemplos de relação matriz-galho, observemos a Nova Zelândia: o país que resgatou o haka, o costume Maori de entoar cânticos tribais em preparações de guerra, para torná-lo um símbolo nacional. Uma lição amarga a um povo que se mostra incansável nos seus esforços de destruir sistematicamente os resquícios indígenas do nosso sangue (aí está uma herança do velho continente que você esqueceu de mencionar, Elton). A Nova Zelândia inclusive iniciou um processo para mudar sua bandeira – abandonar o símbolo do Reino Unido, seu povo colonizador, e adotar algo mais “novozelandês”. Combinar as cores dos povos originários em um símbolo unificador. Qual seria a proposta para uma nova bandeira do Brasil, na sua opinião, Elton? Algum brasão de família a estampando, talvez algumas coroas, aquele leão ou qualquer outro animal que não exista aqui, de pé e segurando alguma coisa? A essas alturas o leitor que aguentou chegar até aqui nesta carta deve estar se perguntando por que eu trouxe a Nova Zelândia, um país tão distante, como comparativo ao Brasil? Porque você faz a mesma coisa, Elton. Eu quero que você continue sua jornada mística em busca do lugar no tempo e no espaço do brasileiro, mas, por favor, meu único pedido é que pare de envolver a sua avó. Antes de serem culpadas por um rancor que é só seu, ela e as duas gerações que você conseguiu resgatar da sua árvore deveriam ser a sugestão para uma resposta que te coloque reconhecidamente onde você está: em terra brasilis, junto com os outros tolinhos híbridos e enxertados.

### ESSA É PRO ALGUM LUCAS

**Gabriel Alencar** Essa é para o Algum Lucas. Li seu posfácio na edição de fevereiro. Finalmente, mano. Finalmente. Finalmente encontrei o que eu procurava desde o primeiro ensaio; a centelha que me prendeu durante todos os textos; o fio de prata que permeava cada aforismo e reflexão: eu encontrei você. De tudo que você escrevia, Lucas, eu questionava sempre a sua quasi-tecnofobia (coisa que já até conversamos); mas, principalmente: onde está a pessoa? No seu estar-no-mundo por meio da letra, acabou por se tornar um paradoxo de si: existia apenas no papel, como representação virtual (ainda que não digital) de você mesmo. Mas agora eu vejo você. E tudo fica mais claro. No fundo, vivemos

uma época de transição. Nestas épocas é sempre complicado viver e entender as transformações. O que penso é que precisamos abraçar o devir e não rejeitá-lo. Evidente que defendo a necessidade de haver pontos de apoio, mas não acredito que tudo precise estar firmado, basta garantir suas bases e seguir em frente. Por outro lado, e voltando ao lado humano, eu te entendo. É muito ruim estar só. Foi exatamente isso que me fez sair da Música e rumar pra Literatura (por incrível que pareça, foi na Literatura que encontrei mais facilmente bons pares). Enquanto estamos sós, ficam evidentes as representações, porque as pessoas mesmo estão longe. Mas quero te tranquilizar, porque você não está só. Assim como eu vi você, tenho certeza que vários outros viram também. E aqui não tem nada a ver com reconhecimento, mas com ver. E nesta certeza te garanto que é possível olhar para o futuro sem que os temores turvem o céu de esperança. É idealista? Otimista demais? Talvez. Mas, putz grila, como é bom viver assim. Porque não preciso ser cego, basta olhar para o todo e enxergar o que está por trás das nuvens. Foi isso que aconteceu quando li seu texto de Fevereiro. Não estava mais encoberto. Eu vejo você.

### POR AÍ

**Elen Ximenes** Eu já li jornal em vários momentos da minha vida. Independente da época, sempre gostei das tirinhas publicadas. O jornal é uma boa forma de informação, de aprendizado e um lazer também! Recebi um exemplar do **RelevO** do próprio editor. É um jornal publicado desde 2010, é um periódico literário independente. Em suas páginas encontramos textos de todos os gêneros, entrevistas com autores, ilustrações e cartuns. Excelente para quem gosta de literatura, ou quer publicar seus textos e para os que apoiam a literatura nacional.

**Daniel Pizani** Fui recentemente apresentado ao trabalho de vocês por uma professora amiga minha e estou simplesmente encantado pela proposta. Há tempos que eu buscava por um jornal/suplemento literário dessa natureza, assim, com cadernos lindamente ilustrados, recheado de informações sobre arte e cultura, letras com adesão do público. Mas até então não tinha encontrado nada tão cativante. Bem, não que eu tenha feito uma investigação muito aprofundada também, mas realmente jurava que esse tipo de veiculação estivesse esquecida, quase morta no Brasil.

## EDITORIAL

### E saber que a cidade é de papel

*Essa rua sem céu, sem horizontes  
Foi um rio de águas cristalinas  
Serra verde molhada de neblina  
Olho d'água sangrava numa fonte*

Chegamos ao quarto mês de 2021 sob a sombra do Brasil e segurando o diabo pelos chifres, um jornal de literatura como um vagão solitário num arremedo de país, sem nenhuma surpresa, um túnel que dá em outro túnel, a neblina como luz.

*Meu anel cravejado de brilhantes  
São os olhos do capitão Corisco  
É a luz que incendeia meu ofício  
Nessa selva de aço e de antenas  
Beija-flor estou chorando suas penas  
Derretidas na insensatez do asfalto*

De modo quase inacreditável, chegamos ao quarto mês do ano sem prejuízos, mas diminuindo nossa tiragem e a distribuição para os pontos estratégicos, que começavam a dar sinais de estabilidade e de possibilidade de retorno ao cenário pré-pandemia. Pois estamos no pior mês de nossas vidas, montados na insensatez, e novamente sem surpresas.

*Mas eu tenho um espelho cristalino  
Que uma baiana me mandou de Maceió  
Ele tem uma luz que me alumia  
Ao meio-dia clareia a luz do sol*

Apesar disso tudo, seguimos com o nosso banco de assinantes estável e com um ligeiro aumento em nosso pequeno clube de anunciantes, garantindo ao **RelevO** a sobrevivência e, principalmente, a motivação para seguir produzindo um jornal agradável e com alguma personalidade, sob a luz de um velho sol.

*Que me dá o veneno e a coragem  
Pra girar nesse imenso carrossel  
Flutuar e ser gás paralisante  
E saber que a cidade é de papel*

Os Correios que nos sufocam, a crise econômica, a desolação sanitária: mais um mês, mais um mês em que insistimos em nosso carrossel, no nosso personagem de conforto, rindo quando dá, em silêncio na maior parte do tempo.

*Ter a luz do passado e do presente  
Viajar pelas veredas do céu  
Pra colher três estrelas cintilantes  
E pregar nas abas do meu chapéu  
Vou clarear o negror do horizonte  
É tão brilhante a pedra do meu anel*

Uma boa leitura a todos.

### CORREIOS

**Gilberto Caires** Se o meu jornal não chegar, vacinarei vocês com seringa de vento!

**Alex Silveira** Nunca chegou e nunca chegará o jornal aqui. Até acho que é golpe e que vocês não existem.  
**Da redação** *É golpe.*

### MARTY GUARDIÃO DO JORNAL

**Maria Clara Aquino** E se não é o gatinho-guardião de jornais mais lindo de todo o multiverso. Fui compelida a ver essa fotografia dele nas redes sociais do Jornal com os olhos apertados, esboço de biquinho e uma voz estridente na cabeça: “Ouxin! Cadê o xaninho mais lindo? Cadê, mamãe?!”.

**Do gato do Jornal** *Ração Royal Canin Cat Premium duas vezes ao dia.*

### AMOR I LOVE YOU

**Felipe Gollnick** Jornal **RelevO**, / a minha existência / a vocês devo

**Luize Ribas** Desejando sorte e êxito a este jornal que tanto amamos!

**Fernando Miller** “Tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo”. Vai dar tudo certo! Em breve vamos todos sair dessa situação difícil! Força, fé e foco!

**Mauro Donato** O **RelevO** chegou em tempo pra lá de aceitável aqui em casa. Ainda teremos turbulência esse ano, mas todo esse pesadelo uma hora vai acabar.

**Livroteca Mágica** O que vem a sua cabeça quando pensa em jornal? Nós não temos o hábito de ler jornais, mas, na hora em que descobrimos o **RelevO**, nos interessamos. Ele é um jornal literário, isso mesmo, literário! Todo o conteúdo é focado no universo literário, com poemas, entrevistas de autores e imagens maravilhosas. Eles respondem até as críticas do leitor, o que achei muito estranho/ maravilhosos e me diverti. Enquanto lia, cheguei a conclusão de que o jornal é uma ótima oportunidade para divulgação de autores nacionais.

**Silvio Severino** Lendo essa maravilha de jornal nesta folga do trabalho. Acabei de ler “A vetusta casa dos Firme” (conto de Leandro Costa, edição de fevereiro). Vocês terão sempre um entusiasmado leitor, aguardo ansioso a próxima edição.

**Joana Fontana** Chegou ontem a minha primeira edição do jornal! Nem tive tempo de sentar com ele ainda, mas achei que era uma boa acusar o recebimento (: Agradeço mais uma vez, foi bonito receber. O isolamento faz a pessoa sentir qualquer coisa como se fosse especialmente pra ela.

### ENCLAVE

**Pedro Araujo** Gosto demais do **RelevO**. Amo ler o jornal numa tarde de silêncio acompanhado de uma xícara de café. Mas, pra mim, a **Enclave** é a melhor parte do Jornal! Sensacional demais! Parabéns para o editor!

**Da redação** *Pena não gostarmos muito do editor da Enclave, mas ok.*

### LATITUDES

**Marcia Pfleger** Boa tarde. Adoro o **RelevO**, adoro a **Enclave** e gostaria de receber também a **Latitudes** (já que sou assinante do jornal). Gosto demais do conteúdo eclético da **Enclave** e, respondendo à enquete, tenho especial apreço por histórias, curiosidades e informações bizarras sobre o século 19. Por meu critério, podem se esbaldar nisso que eu vou adorar!

### SABRINA DALBELLO NO JORNAL

**Marcos Cestari** Que coisa linda essas páginas com poemas da Sabrina Dalbello (edição de março). Dá vontade de comer as folhas, não de ler. Texto lindo e encaixe perfeito na diagramação. E bem no meio, entre o nascer e o findar, na dobrinha, no vinco, na canoa, na página separada entre par e ímpar tudo se reúne. E a gente renasce e brota.. Essa ilustração tem coisa em curva brotando na coisa reta já estabelecida. Tudo é renascimento. Principalmente as nossas palavras se reciclando.

**Diogo Azoubel** Gente, assinem o **RelevO** e recebam edições quase artesanais de tão legais e únicas.

**Sandra Modesto** Recebi ontem a edição de março do Jornal. A capa tá muito foda e, melhor de tudo, tem meu nome na relação de assinantes. Assinem. O melhor jornal literário.

Osny Tavares



**Um olho na estrutura, outro na dialética**

Jornal pressupõe jornalismo? Início essa coluna com um beliscão num tema recorrente entre a comunidade do **RelevO**. Cito resposta do editor a uma correspondência publicada na edição anterior: “Geralmente, nós publicamos textos com caráter menos jornalístico. O foco é a seleção e publicação de novos autores e autoras contemporâneas”.

Se a costura do jornal são os contos e poesias, os textos de análise são os patches que lhe dão o colorido. Retomando a já saudosa tradição dos suplementos de crítica dos grandes jornais, temos encontrado aqui interessantes comentadores da cultura. Março nos trouxe uma crônica sobre o bicheiro Castor de Andrade (**Enclave**) e uma resenha sobre coletâneas de Nelson Rodrigues (Laércio Becker) – decerto, duas oposições que tensionam o carioquismo. De forma similar, Elton Mesquita fala sobre as trocas simbólicas entre Brasil e Portugal, ou a falta delas.

Assim, o periódico se revela sartreanamente vesgo: um olho aponta para a estrutura; o outro, para a dialética. Dessa junção, constrói sua atualidade.

Embora não seja propósito dessa publicação, a formação de repertório é condição fundamental para a comunicação cultural. Seja na crítica, seja na produção ficcional, a referência é a matéria-prima do sentido textual.

A escrita pressupõe leitura, que pressupõe tempo passado. A pauta do **RelevO** faz visitas sociais à estante dos lançamentos, mas se conforta na sessão dos clássicos. Experimenta o novo tangenciado no perene.

Como registro de seu tempo, esse jornal tem o desafio de ser contemporâneo sem sucumbir à pauta novidadeira. Para isso, tem optado por acompanhar menos a agenda de lançamentos das editoras comerciais. Essa escolha o distingue das resenhas que predominam na internet, onde as *breaking news* da literatura ressoam com mais intensidade.

Emitir juízos antecipados é caminho fácil para o constrangimento. Todo jornalista cultural já deve ter repassado mentalmente suas apostas e se perguntado onde está tudo aquilo agora. Contudo, a segurança do cânone não pode enrijecer precocemente a musculatura analítica dessa plataforma.

**APOIADORES**



**TRÊS SÓIS**

WILLIAM SOARES DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola



# Natural atroz

Marco Aurélio Souza

I

Tenho me masturbado assistindo  
Beijos da máfia no YouTube  
& duplas feminejas maquiadas  
Com corpse paint  
Esganiçando hinos fúnebres  
Do fundo dos seus sorrisos plásticos

Tenho planejado vingança  
Contra os russos no xadrez  
E pesquisado mais sobre o  
Monótono intercuro  
Dos besouros do amor

Deitado em minha cama  
Ouço sussurros da companhia  
Intransigente de viagem  
De que agora falamos  
Todos os dias  
Em nossas conversas particulares  
: ficou sabendo o que ela fez?  
: viu só quem foi que ela pegou?

II

Um drink amargo pela noite  
Não muda a rota dos planetas  
Cortar o leite do café  
Não varre o lixo das esquinas

Kill him  
Shoot her  
Spread the disease

Mate como quem esbarra no incerto  
Morra como quem adere ao deslize  
Rust in Peace

Festeje a decomposição dos corpos  
Como chicanos kitschs  
En el día de los muertos

Aglomerada em campo santo  
A multidão que habita em mim  
Insemina a seca e vandaliza  
A placa irônica fincada  
No interminável gramado do Éden  
: não chore  
: não pense  
: não pise

I can't breathe  
I can't breathe  
I can't breathe

III

Aos parentes e amigos  
Enviarei a minha carta-testamento  
Temperada com antraz

(Peço apenas que orem  
Pelos que não são capazes  
Do deslumbre)

Quero que me sacrifiquem para um deus desconhecido  
Invocado por ritos e rezas futuristas  
Num templo em 5G

Quero que me enforcem num pinheiro centenário  
Onde ao sentir o gargalo do tempo  
Gozarei em espasmos  
Sobre meu público cativo  
Surfando em chamas  
Sobre a onda anil de um delírio  
Como uma adaga que brilha  
Como um leproso que clama  
Como uma força qualquer

E uma vez liberto  
Viajarei enfim pelo vento  
Como uma gota ínfima  
Da saliva etérea de Cristo  
:  
Serei somente um espirro divino  
Infecto de assombro e fé

À venda no site: [www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br)

# ALMA NA CASA SOZINHA

Felipe Gomes

O poeta **Felipe Gomes** nasceu em 1984 na cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Formou-se na UERJ: graduação em Letras, especialização e mestrado em Literatura Brasileira. É professor de Língua Portuguesa na Rede Pública Municipal de Ensino. Tem poemas publicados em diversos periódicos literários. *Alma na casa sozinha* (Editora Patuá, 2020) é seu livro de estreia.

"(...) há uma brutalidade jardim do desejo homoerótico perpassando vários poemas. Gosto muito da maneira como o senso de lugar, de Rio de Janeiro, se dá, sua verve de poeta cronista me seduz. Seus poemas são composições de anotações nervosas, com sentido de urgência. A poesia salta de frase a frase, numa sarabanda de deslocamentos. É a *sua* linguagem."

Italo Moriconi



Felipe Gomes



# A DESCOBERTA DO MORANGO

Nathália Fernandes

Laranja-doce. Ela cheirava a laranja doce. É meu novo desodorante *handmade*, ela falava. Adorava adotar termos em inglês. Só vai tal, tal e tal, você deveria experimentar, aprendi com a Bela Gil, ela dizia. Inclusive, a Bela parece muito contigo, o sorriso, os olhos, sei lá, sorria e me olhava. Tudo o que ela dizia parecia ser vermelho e amarelo, vermelho e amarelo, vermelho e amarelo, e no final tudo cheirava à laranja. Amarelos eram os momentos de silêncio, de espaço à respiração e ao pensamento. Vermelhos eram os momentos em que ela comentava a minha semelhança com alguém e permanecia me encarando, talvez por tentar achar o rosto da pessoa em mim ou tentar levar meus traços para o semblante de alguém presente apenas em seu pensamento. Nesses últimos momentos, que nem sempre eram últimos, porque às vezes optávamos por deixar o silêncio nos momentos finais, nesses últimos-primeiros momentos, eu sentia uma vontade

absurda de ultrapassar o amontoado vermelho e transformar-lhe em verde. Deixar tudo com cheiro de capim-limão. Tudo verde, para combinar com seus olhos que seriam muito mais bonitos se vistos de perto. Talvez ela nem imaginasse esse meu desejo secreto que, de tão secreto, se refugiava em minha face. Eu tentava deixar ainda mais evidente, respondendo que talvez ela me achasse tão parecida com todo o mundo porque eu estava por trás de seus pensamentos e, de certa forma, olhos, impedindo sua visão clara sobre qualquer um que não possuísse meus traços. Ela ria com um gesto tão amigo, quase tombando seus dedos sobre o meu ombro, que eu recolhia com pressa pelo medo de tal benção. Era melhor aceitar a nossa rubra amizade, porque arriscá-la com o encaixe perfeito das nossas vermelhidades talvez não valesse tanto assim. Talvez não valesse porque me era alheio se a necessidade de encerrar todo esse *red velvet*, como ela chamaria, era apenas um desejo fugaz



ou um motivo por anos construído. Mesmo se fosse algo que levei anos para esculpir, valeria a pena arriscar tudo o que tínhamos? O capim-limão talvez fosse cítrico demais para nós duas a ponto de nos queimarmos. Valeria arriscar queimaduras que, por sua vez, se tornariam cicatrizes, apenas pelo contato breve com o sabor amorangado que deveria ter seus lábios? Amorangado, amor enganado, qualquer coisa assim. Talvez fosse mesmo um engano. Éramos amigas, talvez nada mais. Tentei dormir virada para a parede, sem saber se o que vinha às minhas narinas era cheiro de limonada ou laranjada. Tentei tatear aquele cheiro impreciso, virei para o outro lado em busca de explicação. Lá estavam: morangos. Os morangos sorriam para mim, quase que me chamando para ação, e era quase impossível saber como proceder. Nunca gostei muito de morangos, sinceramente. Morango sempre foi a fruta detestada antes mesmo de sentir seu sabor. Coisa de criança.

Mesmo sabendo que não era mais criança e poderia muito bem agarrá-lo, comê-lo, saboreá-lo, hesitei. Hesitei, porque a indecisão entre limão e laranja seria muito mais fácil de suportar que a certeza do morango. Hesitação inútil. Experimentei. Era mais doce do que o imaginado. Tinha realmente um sabor vermelho, quente, poderoso. Humano, sobretudo. Comecei pela pontinha, com delicadeza e atenção, mas ao começar a saborear cada mínimo pedaço, a fome parecia aumentar. A degustação se tornou voracidade, os pedaços foram substituídos por bocas cheias, famintas, desesperadas. O morango inteiro, encharcado, condenado a dentadas, lambidas, beijos. Tudo cheirava a morango, que ia de boca em boca, nunca no mesmo lugar, sempre em movimento. Delicioso. Pouco importava o limão, a laranja, o medo, as queimaduras. O que importava eram os morangos. Muitos morangos. Campos de morango, para sempre.



LIVRARIA  
PARÁ.GRAFO

QUER CONHECER UM POUCO  
DA LITERATURA PRODUZIDA  
NO NORTE DO BRASIL?

A LIVRARIA PARÁ.GRAFO  
É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES  
E ESCRITORAS PARAENSES.

 [WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR](http://WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR)

# ESTRANHOS NA TRIBO

André C. Vieira

As tochas se acendem, inflamam-se os chifres de ossos e reverberam as peles de animais: todos, homens, mulheres, crianças e anciões reúnem-se em torno da flama que parece arder a noite inteira ao rufar de tambores e ao bradar de pulmões, pulsando em quase-êxtase a alegria de estar acolhido pela família. Mas, ao fundo, junto às sombras da parede, pode-se jurar que existe mais alguém: um estalo, um grunhido, um sentimento estrangeiro manifestado pelas costelas magras, os rostos cadavéricos e os olhos brilhosos, sedentos por fogo. Uma legião sem rosto e sem nome acampa à margem da civilização.

O parágrafo acima pode estar tratando de qualquer tribo, qualquer tempo e qualquer lugar do planeta em mais de 300 mil anos de história da espécie humana, mas, ainda assim, algo nos parece estranhamente familiar. Alguma coisa sem-nome, quase enigmática, nos atrai e se aproxima da sociedade pós-moderna atual, quase dois mil anos depois da morte de Cristo. Não é curioso? Para um nipo-americano, não seria. Afinal, desde 1989, com a derrocada final de um império e a reorganização de seus espólios por meio de mentes inteligentíssimas — as mesmas que não preveriam a bolha imobiliária norte-americana, de Wall Street, — a história humana teve seu desfecho final.

Inspirado pela concepção hegeliana de fim da história, Francis Fukuyama anunciou que o “Estado homogêneo universal”, representado pelas ativas Águias de Washington, não somente garantiria os direitos e as liberdades de seus governados, sanando todas as contradições inerentes ao jogo político democrático, como ainda protegeria e apoiaria seus aliados e parceiros, mediante vassalagem — conhecido também como Consenso

de Washington. Neste mundo perfeito, haveria o fim dos embates políticos ideológicos e os frutos do progresso e da bonança humana seriam repartidos igualmente entre os países, seguindo as leis e os protocolos dos mercados, de acordo com as especificidades de cada região. O conto de fadas caiu no colo do Anjo da História ao abrir-se a cortina de ferro e logo se entendeu: foi a união global em prol de valores civilizatórios e, sobretudo, econômicos, que deu cara à Pax Romana contemporânea.

Entre os mitos que correm à boca solta pela tribos, poucos tratam de aplacar a violência e dar cabo das disputas locais da aldeia; em verdade, como Octavio Ianni muito bem sublinhou, uma “aldeia global” é antes de tudo um acordo entre diferentes comunidades por uma unidade: “[a aldeia global é um] sistema comunicacional que molda uma cultura de massa, um mercado de bens culturais, universos de signos e símbolos, um conjunto de: linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros se situam no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem”. A condição primeira para ser aceito na tribo é estabelecer uma hierarquia entre ideias e valores locais — regionalistas, decadentes, atrasados — e aqueles que emanam desse polo pujante, dito central, que, por vezes, são cópias da cultura de grupos dominantes.

Ora, a própria ideia de agrupamento global não teria uma essência violenta? Aquelas populações, grupos, países, nações que aceitariam — ou não — fazer parte da alcatéia teriam outra escolha além de se juntar aos lobos? Ou aqueles povos que disseram “não” aos ditames da selva e às leis dos xamãs conseguiram se manter de pé frente ao cerco de Rapinas de Washington?

Para Marshall McLuhan, figura carimbada em faculdades de Comunicação, a própria ideia de aproximação de culturas e povos historicamente antípodas é providencial para germinar a discórdia: “o conceito de cidadezinha não impõe a existência de relações cordiais. Nas aldeias as pessoas criticam, espiam, odeiam [...]; é como uma família: não há ambiente mais selvagem do que o de uma família”. Rodolfo Londero e Michelle do Nascimento, em artigo sobre cyberpunk contemporâneo, argumentam que a derrocada fukuyamista é inerente ao próprio projeto de “aldeia global”: “São as minorias em busca dos direitos ou, simplesmente, da sobrevivência, que apagam a falsa imagem idílica da aldeia global para deixarem transparecer o que ela realmente é: um ambiente selvagem”.

Voltando ao nosso carneiro: o que o silêncio dos arrependidos tem a ver com nossa violenta experiência de tribo? Quando assistimos os esfaimados nos faróis, os pedintes, muitas vezes ainda guris, na frente do mercado, e suas mães, prenhes de uma prole estrangeira sem futuro, não vemos uma aldeia impiedosa? E quanto aos tantos e tantos carroceiros, ambulantes, flanelinhas e engraxates que deixam o manto da invisibilidade de lado quando viramos a cara e mal disfarçamos a vergonha de nossa tribo: suas dores, suas paixões e suas histórias não são dignas de serem contadas em sessões de conforto ao redor da fogueira? Ou seus corpos (e suas sinas) só podem ser significadas a partir de suas violentas tentativas de sobreviver ao inferno de suas vidas, encaradas por nós como atos odiosos, a título de indignação pública e escárnio tribal? E eu e você, caro membro do conselho da tribo, já refletimos por que

ficamos mais chocados com o furto de leite e margarinas das gôndolas dos supermercados do que com os excessos e as omissões de nossos líderes?

Em primeiro lugar, se nós, habitantes centrais da tribo, sentimos raiva ou, no limite, cólera de conselheiros, chefes ou até o mesmo do xamã, é mais pela maneira como aquelas figuras lidam com suas obrigações do que pelas pessoas que são e os cargos que representam — e o pleito das últimas eleições municipais não me desmente. Assim, quando líderes se fazem errantes e a calamidade se instaura na aldeia ceifando milhões de vidas, podemos cobri-los de vários nomes: incompetentes, irresponsáveis, pulhas, apátridas e, quiçá, assassinos; no entanto, a proximidade de nossos laços históricos, hierárquicos e, em muitos casos, sanguíneos impede que cultivemos qualquer opinião definitiva ou lancemos mão de qualquer conclusão certa. Podemos — e devemos, claro — tecer juízos de valor acerca da moralidade individual de nossos governantes, no entanto, colocar em questão a legitimidade da tenda de conselheiros, do casebre do xamã e da choupana do líder é levantar a voz contra nossos avós.

Se a ideia da aldeia global se sustenta, concatenando todas as qualidades dos diferentes povoamentos da terra e estimulando como esmero nossas mentes a pensar, rigidamente, de uma única forma, em buscar sempre os mesmos sonhos, é natural que não haja espaço para todos. Sejam ricos, pobres, classe média ou paupérrimos, o senso comum que nos congrega, a despeito dos preceitos católicos mais simples, é sempre o de nos impormos a comparações injustas para entender se estamos dando o rumo certo a nossas

vidas. É nesse momento que Jean-Jacques Rousseau menciona o ódio como um dispositivo necessário para o ser humano sobreviver em sociedade, uma vez que, projetando-o em figuras ou conceitos, este pode descarregar seus medos, vontades e frustrações, muitas vezes abstratas, em um único objeto; logo, se “o homem é bom [por natureza] e a sociedade o corrompe”, o ódio se torna uma saída para viver em sociedade.

Mas isso não responde ao dilema, meu caro, afinal, posso muito bem concretizar minhas angústias na figura de algo próximo a mim, inclusive, não faltam exemplos de famílias, namorados, ex-funcionários e amigos que não dão mais as caras após algum desentendimento, a fim de evitar frustrações. Concordo em parte, meu caro. Embora seja, sim, possível que esse sentimento perdure por anos, é improvável que reduziremos essas pessoas apenas às manifestações puras de nosso ódio. Preferir o ranço depois que algo tenha abalado nossas relações é algo completamente plausível, se bem que, no fundo de nossas lembranças, ainda guardemos sentimentos de ternura sobre aquela pessoa.

Diferente, por outro lado, é quando confessarmos ódio como fê. É o que conta Jean-Paul Sartre: quando a raiva não se sustenta mais como um alívio para nossos problemas terrenos, nutrimos o ódio pelo outro para nos salvarmos. De quem, você poderia se perguntar? Dos malvados, é claro. Na dicotomia sartriana, o objeto da minha repulsa deve ser radicalmente contra mim, tal qual um vilão caricatural dos quadrinhos. É por meu ódio que ganharei o reconhecimento de meus pares e firmarei, com sucesso, meu lugar na tribo com meus semelhantes. Essa matemática não é mera magia

da floresta: enquanto a natureza for natureza e a humanidade for composta de homens, exércitos de odiosos e odiados serão necessários para enfatizar quem somos e quem não somos, como lembra Sartre: odiar o outro não é apenas uma forma de ascensão pessoal, mas, também, de fantasmagorizar o outro.

Agora sejamos francos — de verdade —, não vivemos mais em uma tribo. Nossa comunidade internacional, malgrado nossos defeitos originários, tem estado cada vez mais entrelaçada, resolvendo questões críticas e seculares com dedicação e temperança, transformando a vida de milhões. Sem falar nos avanços expressivos no campo científico e tecnológico, que, além de prolongar vidas, também encurtam as distâncias sociais e educacionais, expandindo horizontes nos últimos anos. Portanto, entendendo nossa aldeia deslocada de seus instintos ímpios, e seus participantes não mais como unidades deslocadas, mas sim como representantes globais amalgamados dentro de um estado supranacional, haveria espaço para a cultura do ódio?

Desse lado da discussão, só posso me pôr ao protagonista de *O estrangeiro*, de Albert Camus: “Também eu me sinto pronto a tudo reviver. Como se esta grande cólera me tivesse limpo do mal, esvaziado da esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por o sentir tão parecido comigo, tão fraternal, senti que fora feliz e que ainda o era. Para que tudo ficasse consumado, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muito público no dia da minha execução e que os espectadores me recebessem com gritos de ódio”.



O novo livro de contos do escritor **Daniel Osiecki** aproxima realidade e ficção e demonstra como a situação política no país e também a pandemia da Covid-19 podem superar o melhor do gênero fantástico quando o assunto é gerar incredulidade. O conto que dá título ao volume narra os acontecimentos num condomínio em que o síndico encarna um líder fascista e resolve impor aos moradores um regime de exceção, apoiado em teorias conspiratórias acerca de uma pandemia. Essa sensação de que algo muito familiar e, ao mesmo tempo, difícil de acreditar esteja acontecendo segue com o leitor e a leitora ao longo das catorze narrativas que compõem este que é o terceiro livro de contos do escritor paraense.

## **FORA DE ORDEM**

106 pg.

14 x 21 cm

**R\$ 35**

[www.editoraipeamarelo.com.br](http://www.editoraipeamarelo.com.br)

Disponível em versão e-book na Amazon

# “ULISSES 2051”, por Amadeu Materazzi

*Nova obra de “Ébano América” veio para ficar... em algum lugar, certamente.  
Crítico Amadeu Materazzi aponta onde.*

Em fevereiro, tive o curioso prazer de presenciar o lançamento do livro *ULISSES 2051* (Ed. Prestes, 2021), de Ébano América, 32, pseudônimo de Carlos André Materazzi – o Carlinhos –, o qual, por algum motivo pouco relevante a este escriba, optou por não utilizar seu nome de batismo. *ULISSES 2051* é um romance que, dizem-me, carrega um valor inestimável para a literatura contemporânea, de acordo com meu sagaz colega Afonso Ladeira, da Junta Comercial do Estado de São Paulo, e de outros ladinhos defensores da literatura como instrumento de crítica à sociedade ou a tudo o que está aí e precisa ser dito. Dessa forma, como grande amante da literatura, dos clássicos e da cultura brasileira, incubi-me da tarefa de escrever sobre esse romance. Afinal, não poderia deixar de me expressar acerca da obra, não só pelo fato de o autor ser meu filho.

Ah, vale lembrar (ou contar uma informação inédita; quem não lembra sou eu) que América/Carlinhos, embora renegue – como já renegou abandonar a mamadeira apenas no Ensino Fundamental –, não utilizou nenhum pseudônimo em seu livro de estreia. Refiro-me a *Moby Jeans* (Editora do autor, 2018), uma sátira do clássico de Herman Melville e do capitalismo como um todo, em que a baleia é um bancário. Este saiu com seu nome original e pode ser encontrado em alguns sebos, até com frete grátis (por exemplo, o do Jaime, o Yakissebo e o Pentimento, todos em São Paulo)...

Sabemos que é sempre uma honra ver os próprios filhos trazendo algo interessante ao planeta. Também é legal quando eles lançam livros. Ironicamente (ou talvez como uma de suas críticas performáticas, como as que fornecia ao humilde público dos supermercados quando atirava-se ao chão para conseguir bolacha Trakinas), há 12 caixas de *ULISSES 2051* atrapalhando nosso fluxo na despensa. Mas não quero trazer elementos extraliterários para avaliar uma obra que tem como mote a discussão do metatexto na tradição da literatura mundial. Tampouco busco traçar qualquer hipótese a respeito de um possível baixo número de vendas. Não sei absolutamente nada sobre as vendas de *ULISSES 2051* (embora possa informar, até como sinalização de honestidade ao leitor – que poderá tirar as próprias conclusões –, que Carlinhos continua morando conosco).

Por sinal, na festa de lançamento (será “festa” a melhor palavra para definir uma congregação sem música, sem álcool e sem carne?), Ébano América fez um breve discurso de 14 minutos no qual literalmente questionava o cânone, “quem faz o cânone!?”. Aproveitou o tempo, o espaço e a atenção para criticar o serviço prestado pela empresa Sapeka Distribuidora (pago, mas não por ele), que supostamente “vacilou grandão” ao não fornecer canapés veganos naquele que deveria ser o dia *dele*.

Mas menos sobre o homem e mais sobre a obra. *ULISSES 2051* extrapola a mítica da *Odisséia* de Homero e do

*Ulisses* de James Joyce, o que o autor fez questão de deixar claro no título (sempre em caixa alta). Centrado em uma tarde no Leblon, por 693 páginas, América nos arremessa nos dilemas existenciais do paulista Marquinhos, um rapaz de 23 anos perdido diante de escolhas – de novo, no Leblon – que podem mudar sua vida para sempre.

A obra de Ébano América é dividida em três: “A terra (a praia)”, “O homem (a onda)” e “A luta (o retorno para casa)”, em uma estrutura que lembra muito os resumos de *Os Sertões*, livro que Carlinhos com certeza não leu no Terceirão, quando não passou em qualquer instituição federal – nem mesmo quando tentou Museologia (o que teria sido formidável, pois não lembro de nosso romancista vanguardista alguma vez pisar em um museu) – e, portanto, custou algumas dezenas de milhares de reais a seus genitores, os quais trabalhavam em jornada dupla para manter três turnos de bebedeira de um único militante universitário em instituição privada.

Sobre *ULISSES 2015*, isto é, *2051*, a narrativa ganha fôlego principalmente nos momentos em que Marquinhos, esse paulistano-fluminense, vai à praia. O que também é curioso, pois o autor não pisa fora do quarto há seis meses, tampouco para devolver os pratos que sua mãe, desnecessária e imprudentemente, insiste em lhe servir toda tarde, às 15h – quando ele acorda –, com uma gentileza tanto hercúlea como sisífica (dois adjetivos que América parece ter

acabado de aprender, tamanho o êxtase em compartilhá-los conosco ao longo das quase 700 páginas).

Em um exercício de realismo e metalinguagem (sempre ela...) semelhante ao clássico *A Mulher do Tenente Francês*, mas com menos intensidade, carisma, empolgação, tratamento original e, sobretudo, talento, América dá voz aos personagens e é também um narrador onisciente com certo desprezo às convenções literárias, principalmente aquelas que versam sobre beleza e bom gosto.

Ainda nas escolhas estéticas, transformar o capítulo 8 inteiro em um só parágrafo de fluxo de consciência é uma grandíssima ideia, principalmente para 1951. Setenta anos depois, o impacto é bem menor (em 2051, quem sabe volta a ser bacana, ainda mais se a ideia for impressa com dinheiro próprio). Mas, vá lá, funciona – como passar de ano na oitava série após uma centena de chances nas recuperações, um conselho de classe justamente indisposto e, por fim, o mais claro suborno à diretoria. Algumas figuras simplesmente têm costas quentes (e parecem não se dar conta disso). Refiro-me, claro, ao personagem Pietro, figura de destaque no romance, suposta alegoria ao “privilegio branco” de um autor notavelmente caucasiano (consta em sua certidão de nascimento, isto é, na de Carlinhos; talvez não na de Ébano América).

Bebendo da fonte dos pós-modernos franceses dos anos 1970



e talvez expelindo alguma coisa a partir disso (no urinol de Duchamp), América se lança a discutir a ideia de autoria sem apresentar outro aspecto importante do mercado literário: quem banca a impressão? Entre os questionamentos do protagonista, sempre Marquinhos, consta uma grave denúncia de crimes ambientais e da falta de conexão da natureza por parte do Ocidente. Marquinhos não sabe que suas palavras foram impressas em uma tiragem de três mil livros (se estamos falando de 693 páginas, trata-se de 2.079.000 páginas impressas, mais as capas, plásticos e caixas – deixo ao leitor a conta em termos de quilogramas de papel, tinta ou árvores que não escolheram o próprio destino). Marquinhos também não sabe que seu criador ainda não resolveu o problema das caixas na despensa (até o fechamento deste texto).

Outro ser bonito e inanimado que não parece escolher o próprio destino é Luana, a única mulher com falas na obra. Luana é uma “mulher empoderada e muito forte” (descrição do protagonista Marquinhos, em palavras que correm para o lugar-comum mais próximo como um transeunte foge para a marquise diante das primeiras gotas de chuva), mas sua oca existência em *ULISSES 2051* se vê resumida a uma espécie de babá decorativa de marmanjo, como um triângulo de sinalização na estrada a indicar que 30 metros adiante jazem os restos de um Gol capotado. Não acredito que se trate daquilo

que os jovens chamam de “spoiler” a informação de que Marquinhos e Luana terminam juntos (porque ela *precisa* entendê-lo), mas melancólicos (porque *o mundo é assim*). Até porque o autor já reiterou muitas vezes, em suas redes sociais, que enredos só têm valor em Hollywood, o que aparentemente é uma crítica. Para sorte de Carlinhos, ele não corre qualquer risco de ver sua obra deturpada no cinema americano.

Creio já ter me estendido. Até porque recebi um complemento de meu influente amigo Afonso Ladeira – aquele que havia elogiado o romance de Carlinhos. Ele estava, é claro, brincando comigo. Para ser sincero, no fundo eu sabia. A verdade é que nunca deixamos de acreditar em nossos filhos, agarrando-nos a qualquer fio de esperança para converter em foguete o que nunca abandonou a condição de detrito espacial. Principalmente quando eles crescem como a Dani, nossa filha mais velha, que nunca passou vergonha nos mercados (isto é, nem no supermercado, nem no mercado de trabalho), acabou de fazer residência hospitalar, paga o próprio aluguel e realmente tem problemas além da conexão com a internet. Infelizmente, a contraparte real de Ébano América não está apta nem a ganhar dinheiro com “*pack de pezinho*”, o que diminuiria o fardo familiar, se não pelo orgulho, ao menos pela humilhação remunerada.

*ULISSES 2051* – que, pasmem, quase se chamou *Uli\$\$es*, não tivesse o autor recebido um ultimato de seu “paiblisher” (trocadilho de que

ele não riu) – tem seus momentos. Em determinada altura, entre um cigarro e outro dentro de casa, cercado de semelhantes que ouvem o protagonista e só o contrapõem para fazê-lo parecer menos estúpido (enquanto todos constatarem como a dificuldade é difícil), Carlinhos, isto é, Marquinhos, verborrágico como o velho doido do ponto de ônibus (ambiente desconhecido para autor e protagonista), conclui que, sendo a existência miserável, “a reprodução é a manutenção do erro”. Não é uma conclusão nova, muito menos um formato brilhante. Mas é algo. *ULISSES 2051*, por fim, às vezes é... algo. Algo que, antes de mais nada, preciso remover da minha despensa, do contrário – juro que não é da boca para fora – eu mato, realmente, literalmente mato Carlos André Materazzi, então o desmembro como Saturno no quadro de Goya. Ou finalmente corto sua mesada.

***ULISSES 2051***

Ébano América (Carlos André Materazzi)  
Editora Prestes, 2021  
R\$ 55

**E N C L A V E**

a newsletter semanal do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:  
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

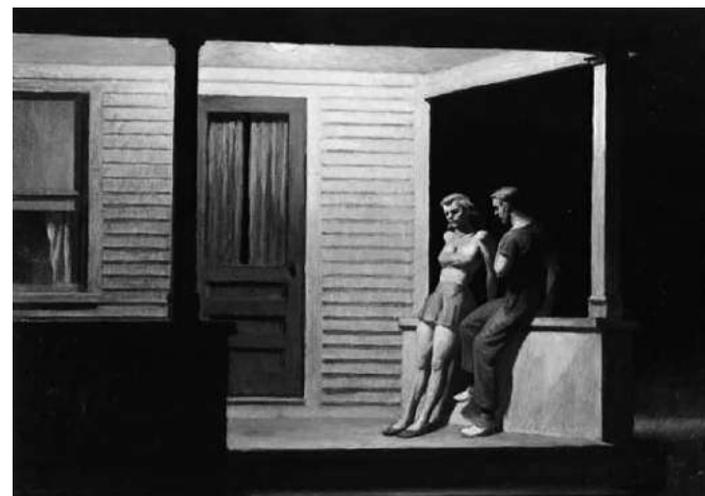
# COMO IDENTIFICAR PINTORES E SUAS OBRAS

(parte um)

Se for um retrato cuja única iluminação parece vir de uma lâmpada fraca, é **Rembrandt**



Se houver mulheres idealizadas, cuidadosamente desenhadas, e com esse pezinho... é **Botticelli**



Se for uma cena noturna com personagens solitários que não se comunicam, é **Edward Hopper**



Se corpos nus flutuam abraçados, é **Egon Schiele**



Se forem retratos cujos rostos parecem máscaras africanas, geralmente sem pupilas nos olhos, é **Modigliani**

Se homens e mulheres forem



igualmente bombados, é **Michelangelo**

Se você estiver invadindo a privacidade,

é **Lucien Freud**



Se for uma cena altamente dramática, teatral, com fundo escuro e personagens em primeiro plano bem iluminados, é, claro, **Caravaggio**



Se acabou de explodir, é **Pollock**

# Goytacá Boy 2

Artur Gomes

araraquara guaxindiba itaocara grumari  
o que liga essas palavras ao meu vocabulário  
a carne índia cachaça o sangue paraty  
grussai guarapary baía da guanabara

juntei meu goytacá seu guarani  
tupi or not tupi  
não foi a língua que ouvi em tua boca caiçara

capivari tucuruvi taubaté pindamonhangaba  
piracicaba pirapora piraí paranapiacaba

vim da tapera carioca  
do roçado do aipim  
cacomanga minha toca  
meu coração ururai  
tupinambá goytacá tupiniquim

ando por são paulo meio araraquara  
a pele índia do meu corpo  
concha de sangue em tua veia  
sangrada ao sol na carne clara

juntei meu goytacá teu guarani  
tupy or not tupy  
não foi a língua que ouvi  
em tua boca caiçara

para falar para lamber para lembrar  
da sua língua arco-íris litoral  
como colar de uiara  
é que eu choro como a chuva curuminha  
mineral da mais profunda lágrima  
que mãe chorara

para roçar para provar para tocar  
na sua pele urucun de carne e osso  
a minha língua tara  
sonha cumer do teu almoço  
e ainda como um doido curuminha  
a lamber o chão que restou da guanabara

juntei meu goytacá seu guarani  
tupi or not tupi  
não foi a língua que ouvi  
em sua boca caiçara

gargaú guriri itapevi abaporu  
minha musa antropofágica tem o nome de pagu  
tarsila anita d'alkmim itaim  
guarujá piratininga itapetinga itaquera  
quantas palavras ensanguentadas nas taperas

santeiro do mangue minha pátria meu tesouro  
cem anos se passaram como vento  
nas caldeiras derreteram-se tanta prata tanto ouro  
e são paulo transformou-se  
numa selva de concreto uma cidade de cimento



# Passada

Lilian Guinski

As pedras delatavam o medo na madrugada.

taptaptap

Após cada labuta, ela fazia o mesmo trajeto de volta. No caminhar, solitária, esquivava-se do vulto que respirava na escuridão e, solidária, lamentava os gritos e os choros de cada janela. Era o cotidiano.

A inquietude da mulher, outrora, brotava da cara navalhada de um cliente, do 38 do seguinte ou da descabida afabilidade de uns. O temor era conhecido. Era a vida, sua. Mas, agora, uma palavra... uma sombra... o desconhecido a fazia apurar os passos, olhar repetidas vezes ao redor, tremer indiferente ao calor.

Taptaptap tAAAP TAP

Conhecia todos eles. Béla Lugosi. Christopher Lee. Klaus Kinski. Vincent Price. Ritinha assistia a todos os filmes antigos que o avô projetava na última sessão do Cine Marabá. Assistiam juntos na sala de projeção. Com o tempo, ela foi deixando o isolamento da sala e a proteção do velho para assumir um lugar nas poltronas. Outras companhias. Carícias indecentes e júbubas. Às pipocas dizia não, penetravam nos vãos. Quando os alvos caninos do Chris Sarandon atacaram nas telas, ela já não se refestelava no veludo das poltronas do então Bristol. As júbubas já não eram suficientes para matar sua fome. Rita seguiu para as ruas.

taptaptap TAP TAP TAP

Escorou-se na parede do bar.  
– Demorou – queixou-se a colega. – O Joaquim está fulo.  
– Tropiquei na São Francisco – justificou-se enquanto tentava colar o rasgo no couro falso do salto do tamanco com cuspe. – Esbodegou.

– Bota um pedacinho de chiclete mascado. Cola.  
– Desgracida.  
– Agradecida – Dinorá tentou corrigir.  
– É a-gra-decida – foi ignorada.  
As damas se atracavam por tudo. Melhores consumidores. Atenção dos protetores. Um lugar no espelho para retocar o batom. Nunca se desarmavam.

– POLACA!  
Rita estremeceu. Calçou o tamanco e foi ter com o padrinho.

– Desculpa. Demorei... escor... – tentou se enlaçar no homem para dar um beijo na nuca.  
Ele a suspendeu. A abusada voou sobre a mesa de bilhar como uma arara bêbada.

– Passa aqui – caçou os trocados na bolsinha de crochê. Mirou o dinheiro dobrado, estranho origami, grunhiu – Macho não ganha flor!

Dando fim à guerra conjugal, conferindo o pescoço magoado, ajeitou-se. Catou os bens. Desprovida da fêria do dia, voltou para a porta. Encolhida nos degraus úmidos de cerveja, sereno e cuspe, na esperança de clientes, dormitou.

O vai-e-vem das gentes despertou a obreira. Sem dinheiro para a pensão, para o café, para o chiclete, foi ao sebo passar o tempo até o almoço.

tap tap tap

Lá, na livraria de usados, é que descobrira. Lá. A cidade sempre pareceu tão familiar e cordata... um vampiro.

Rita entrou, baixando o olhar. Foi direto para o fundo da loja. Os funcionários sabiam que ela iria passar horas devaneando. Sétimo Céu, Capricho, Grande Hotel – novelas nada exemplares –. Personagens bonitos. Beijos apaixonados. Juras de amor. Até parecia que ela podia ouvir as vozes do retrato impresso nas velhas revistas.

O vazio do estômago alertou para o horário do almoço. Abandonou a pilha de revistas como quem deixa o corpo amante. Jerry Adriani, Paolo Rosani, Franco Gasparri. Sem agradecer ou despedir-se, saiu da loja.

tap tap tap

Depois de garantir o pf, a pensão, o chiclete, seguiu para o trabalho. Podia sobrar algum dos clientes das 18 horas. Dia a dia estava mais difícil.

No início, pensou em ser autônoma. Pagou por alguns meses um carnê do INSS. Abriu uma caderneta de poupança.

Rita, tanto quanto a Hayworth, era desejada. Um cliente a tinha chamado de Capitu e, mesmo desconhecendo o motivo do apelido, ela respondeu faceira: – Capitu sou eu.

Ele a ironizou: – Ah, É? – antes de rompê-la mais uma vez.

Perfumes. Joias. Um potinho de poudre de riz, francês, enfatizava. Patrimônio que ocupava todo o espaço sobre o toucador da profissional.

Os ricos podiam lhe sujar os lençóis. Os belos a levavam para o banco de trás do carro. Os apaixonados... ah, ela gracejava e os dispensava.

Dario desviou a poupança. O rapaz de linho branco larapiou as joias. Nelsinho espoliou a carteira. O patrão da Mirinha passou doença. Dalton saqueou o coração.

Sem aposentadoria e poupança, sem toucador, sem beleza, deixou de sonhar.

Jérson foi o primeiro a administrar a labuta da dama. Sumiu. Um dia apareceu na primeira página da *Tribuna*, debaixo da manchete Morte na Praça. Outros vieram. Uns morreram de morte matada. Outros foram para o Ahú.

– RitONA! – Joaquim repreendeu a lerdice da protegida.

Um empurrão a tirou das

reminiscências. Trôpega, dirigiu-se a um cliente que a analisou com mãos afoitas e a dispensou. Vexada, seguiu para a rua.

tap tap tap

Entre a Riachuelo e a Faivre, descolou consumidores e uns poucos dinheiros. Ao final do ramerrame ressentiu repulsa. O asco exalava da própria pele encharcada pelo cheiro de suor e lascívia do cliente que contava trocados. Dele, além do sémen e das moedas, carregava um presente: um pão com margarina. Estava preocupada em como entregar um punhado de moedas ao protetor sem que ele se irritasse, sem que ele a agredisse.

toptoptop

Achou-se caçada.

taptaptaptaptaptap

top toP tOP

taptaptap

Ele?

TOP TOP TOP

De súbito, interceptada.

TOPTOP

Trêmula, tentou entregar seus vinténs ao assaltante. As moedas voaram, rodopiaram... dançaram no chão. Com a faca no coração. Sangue e pão se combinando no Petit-Pavé. Reconheceu o agressor. Forçou-se a ouvir a trombeta do anjo vingador para desfalecer como as mocinhas das fotonovelas, mas o homem esbravejava enquanto furava a gorda do Tiki Bar – Essas malditas mulheres... Essas malditas... Mulheres... A polaquinha, tirando forças não se sabe como, cuspiu entre dentes – Meu querido assassino.



**Fale outra língua,  
escute o mundo!**

## Demetrios Galvão

### a sorte se esconde no amanhã

quando o motor pega no tranco  
e o clima pesa sobre os ombros  
penso na vida de minhas gatas  
e imagino o que elas sonham  
essa imagem preservo por dias  
emolduro e guardo

calculo o que vejo  
meço, peso, observo  
a febre dos animais  
a alegria dos peixes  
a conversa das estrelas...

sei que as sementes da voz  
se expandem na boca do tempo  
e que não há fundamento maior que a coragem

– o amanhã traz uma sorte desconhecida.

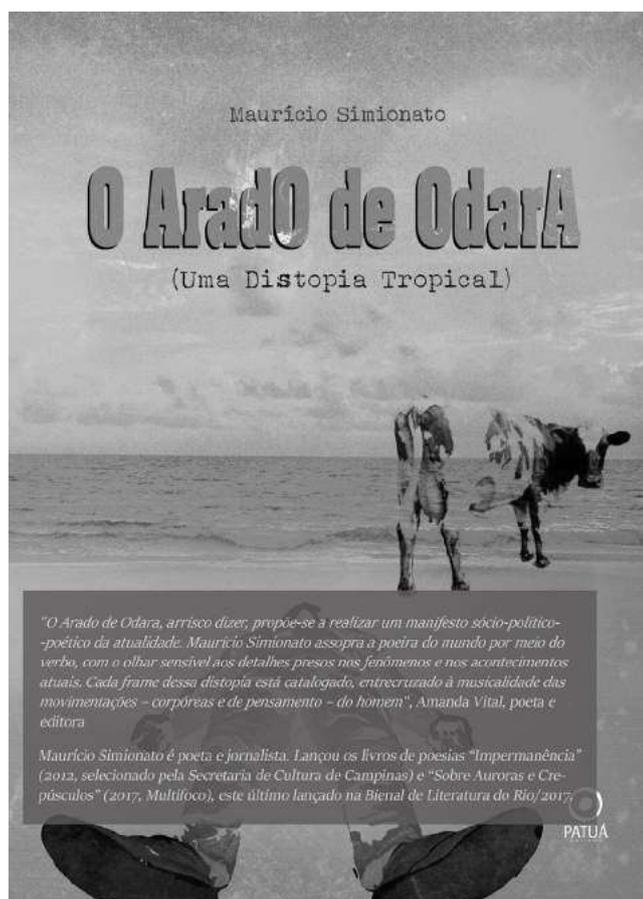
### farrapos da imprecisão

É privilégio dos vivos ter lembranças  
Coisas guardadas onde não sabemos onde:

De um avô, lampeja a velhice esbranquiçada em passos bem curtos  
Com palavras que não criavam raízes dentro da frase.  
Do outro, a matéria dos olhos assertivos-esverdeados  
Semeando a terra, plantando cajus e lutando contra as formigas.

De uma avó, ficou a potência de uma mãe de muitas mulheres  
Que não tiveram a sua mesma força.  
Da outra, a doçura-alegre de quem gostava de bananas  
E nos enchia o bucho de coisas boas.

– O que fica são os farrapos da imprecisão  
Alguns fleches não revelados da máquina.



#### MENTORIA LITERÁRIA

Acompanhamento do fazer literário do escritor, durante as etapas de produção do seu texto, ou lapidação de uma obra finalizada. Inclui a leitura e sugestões de modificações para aprimoramento do conteúdo do original.

#### ASSESSORIA | PUBLICANDO UM LIVRO

Para autores que escreveram um livro e desejam publicá-lo como edição do autor, um acompanhamento durante todas as etapas do processo, até a publicação da obra.

#### PRECISA DE UM TEXTO?

Organização de ideias e projetos em palavras, não importa o propósito ou o tema. Elaboração de textos para diversas finalidades: divulgação de eventos, projetos culturais, releases, conteúdo para sites e redes sociais, artigos culturais, apresentação de produtos, etc.

Carla Dias

11.97495 4744

empresa@gmail.com

carladias.com

Poemas da coletânea *Do que ainda nos sobra da guerra e outros versos pretos*, resultado de uma chamada de originais para escritores e escritoras negros e negras, Editora Ipê Amarelo, 2021.

Deusa d'África

## AS MINHAS MÃOS

Com apenas duas mãos  
dispo uma noite inteira e densa  
desço às suas profundezas  
nas pernas abissais de seu mel  
extraio os favos de sua doçura enigmática  
dispo a de forma plena até à sua neblina e acessórios  
tiro peça a peça a cada conteúdo  
de vestuário de que ela se veste  
com ternura dobro cada peça retirada  
coloco-a na poltrona do silêncio  
sem amarrotar a ansiedade do que se despe e de quem despe  
beijo o ombro da noite  
com a mestria mergulho-a em oceano de rosas e gel  
faço-a gemer de frio e prazer  
cravo os meus lábios às suas mãos  
como se crava os lábios ao crucifixo  
coloco uma moeda nos cestos da incerteza  
faço desse ofício uma oração de purificação  
percorro o inferno, o purgatório até ao paraíso da noite  
tropeço sobre os móveis que há na sala da noite  
espreito pelas cortinas para ver se haverá mais alguém na casa  
como ninguém responde suponho que o mundo seja só meu porque todo o ser se emudeceu  
mudo de tática e uivo marcando o meu território  
para que nenhum outro ocupante se abeire  
lanço a língua sobre o asfalto  
dispo o alcatrão que esconde a cintura das estradas  
removo as pegadas da noite sobre o asfalto  
termino a missão celebrando o êxito com que abati a noite  
e estendo os braços para o Girassol que chega com as pétalas de ouro.

Luís Rodrigues

## SEIO

O que dizer dos meus olhos vermelhos  
Ao te ver caminhar para longe?

Meu amor, minha mãe  
Dona das pérolas escuras  
Que me arranha com as suas garras marfim  
Olhando para mim  
De coroa aberta para o céu

O que dizer dos meus braços  
Vazios da tua leveza celeste?

Minha estrela  
Navegante nos meus mares  
Viva água da benção  
Oh, minha querida  
Guardiã das flores e de todo o pólen

Faz o teu rio correr entre a minha mão montanha  
Montanha alta e lunar como o teu seio.



@elisapereira1975  
www.elisapereira.com.br  
WhatsApp (24) 99992 5516

Ema Nzadi

## À COROA DOS ELEFANTES

tá  
tá  
tá

nós dos meses  
por ai perdidos  
... à terra!

tá  
tá  
tá

o cheiro da aresta  
os papagaios roem o tempo do norte  
os pássaros infectados de ânsia

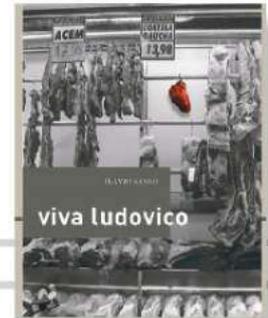
coroa dos elefantes  
são várias gargantas  
para uma única boca

tá, tá, tá, nos diários guerreiros  
temos luz ao dia  
temos luz à noite

Alice Neto de Sousa

## SOLIDÃO

E nos silêncios dos latidos sem força,  
Nas corridas em que estou sempre atrás,  
Nos dias em que não sou mulher nem moça,  
Em que a minha dor se lê como um cartaz.  
Não encontro capa ou máscara que me valha,  
Céu ou terra que me leve,  
Camisola ou camisa de malha,  
Só esta solidão me serve.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

## Oribê

A Oribê é uma editora que também oferta cursos livres on-line nas áreas de artes, cultura, humanidades, literatura e filosofia.

Confira em:  
[www.https://oribeeditorial.com/cursoslivres](https://oribeeditorial.com/cursoslivres)

## Peresch Aubham Edouhou

**Dhaar**

Din ε lam tok Edhuu  
 Edhuu ε din ε σεεgam  
 Mam ε Obam.  
 Obam ε Edhuu  
 Edhuu ε Nyoka  
 Nyoka ε Kwadum  
 Kwadum ε Mbokamboka  
 Mbokamboka ε Ghoa  
 Ghoa ε Mekwadev  
 Mekwadev ε Ghel

Ghel ε Ndum  
 Ndum ε Awuη  
 Awuη ε Ngba  
 Ngba ε Sɔη  
 Sɔη ε Djioη  
 Djioη ε Ekwov

...  
 Dhaar yam ε nek  
 Wɔ zu djoo με ε  
 Daa με zi lee wɔ nek

**Genealogia**

Meu nome não é Edhuu  
 Edhuu é o nome do meu pai  
 Meu nome é Obam.  
 Obam de Edhuu  
 Edhuu de Nyoka  
 Nyoka de Kwadum  
 Kwadum de Mbokamboka  
 Mbokamboka de Ghoa  
 Ghoa de Mekwadev  
 Mekwadev de Ghel  
 Ghel de Ndum  
 Ndum de Awuη  
 Awuη de Ngba  
 Ngba de Sɔη  
 Sɔη de Djioη  
 Djioη de Ekwov

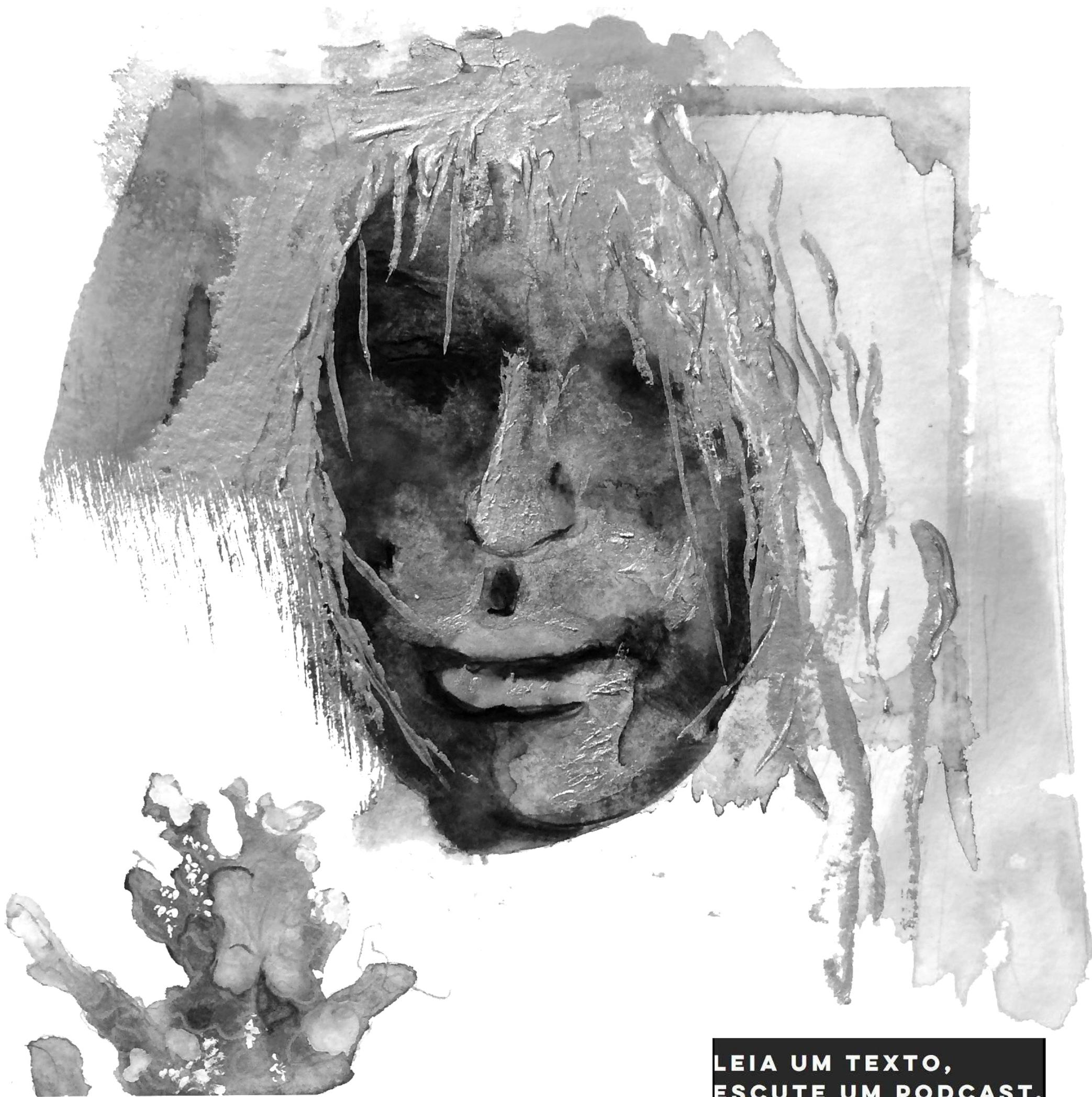
...  
 Esse é de onde veio meu nascer  
 Chame-me  
 Como acabei de lhe dizer

**Din ye ε Dis**

Dis ye ε Dim  
 Dim ye ε Sisim  
 Din ye ε Dis  
 I bot djoo Osiris  
 Ne dhiri din ε le di Iris  
 Itεε náá  
 Din ye ε Dim  
 Dis ye ε Iris  
 Iris ye ε Osiris  
 Leea με γɔ Din

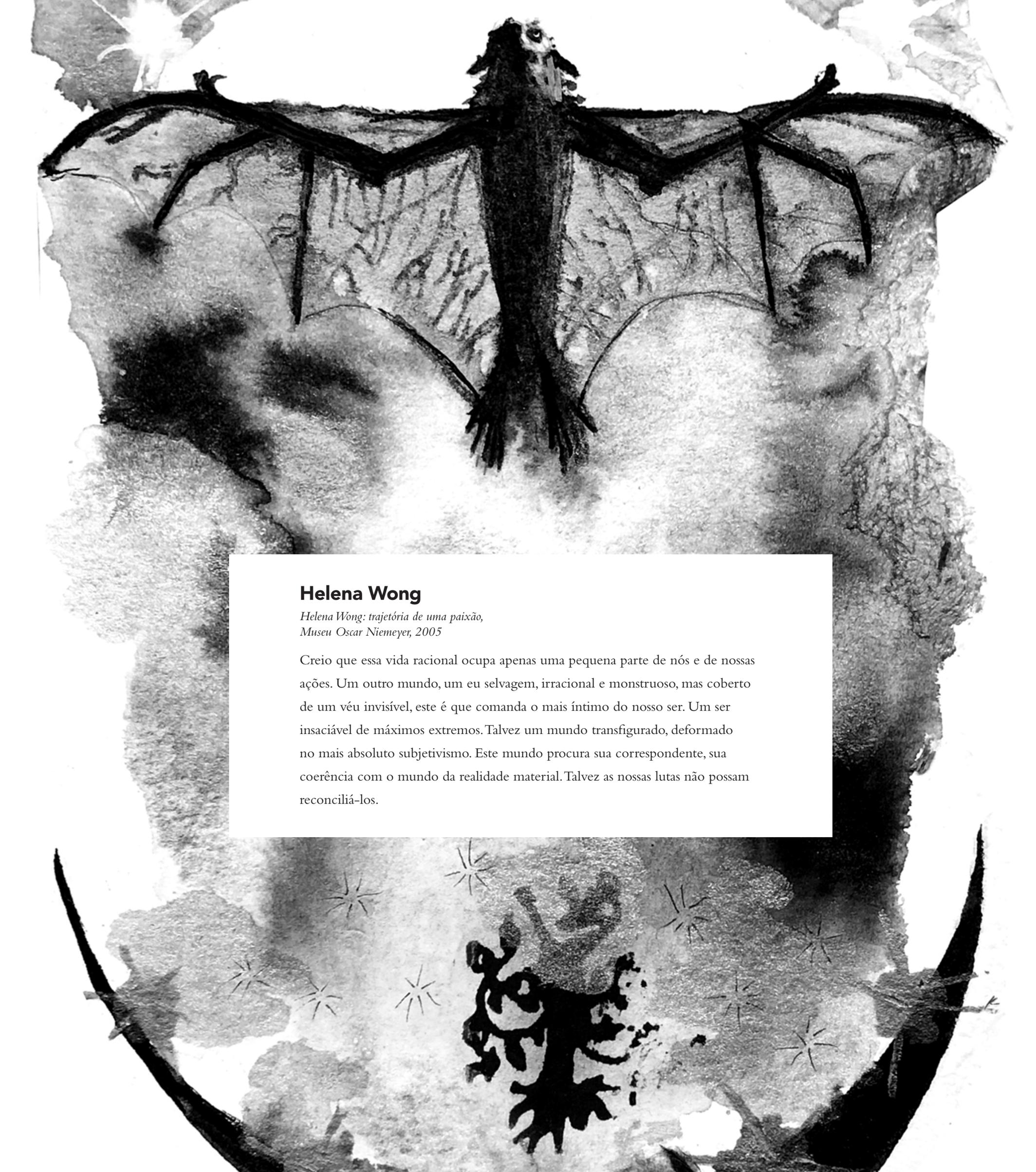
**Nome é Olho**

Olho é Fantasma  
 Fantasma é Espírito  
 Nome é Olho  
 Que se chama Osiris  
 Cujo outro nome é Íris  
 Porque  
 Nome é Fantasma  
 Olho é Íris  
 Íris é Osiris  
 Diga-me como se Chama



**LEIA UM TEXTO,  
ESCUTE UM PODCAST.**

**ALGUMLUCAS.COM**



## Helena Wong

*Helena Wong: trajetória de uma paixão,  
Museu Oscar Niemeyer, 2005*

Creio que essa vida racional ocupa apenas uma pequena parte de nós e de nossas ações. Um outro mundo, um eu selvagem, irracional e monstruoso, mas coberto de um véu invisível, este é que comanda o mais íntimo do nosso ser. Um ser insaciável de máximos extremos. Talvez um mundo transfigurado, deformado no mais absoluto subjetivismo. Este mundo procura sua correspondente, sua coerência com o mundo da realidade material. Talvez as nossas lutas não possam reconciliá-los.